



A função da lei

Desafio quem quer que seja a que descubra uma única dor que não derive de uma lei ou de um preconceito, que não se refira a uma tirania qualquer, que não corresponda a um constrangimento, numa palavra, que não possa, afinal, resumir-se como segue: "Não faço o que me agrada, sou obrigado a fazer o que não me convêm".

A sociedade parece-se com uma imensa galé onde os indivíduos só circulam com os membros partidos pelas cadeias, prostrados pelos entraves. Estão como que aprisionados num desses instrumentos de tortura que utilizaram no tempo dos tratos. O corpo inteiro está apertado, as diferentes peças do aparelho aproximam-se alternadamente, apertando ora a cabeça, ora os pés. Qualquer que seja o tormento sofrido, vem do instrumento de tortura. Quando vejo, pois, populações inteiras só interromperem os seus gemidos para pedir novas leis, parecem-me condenados. A tortura que suplicam ao carrasco para que se mostre brando e compadecido, para que lhe esmague um pouco menos o estômago, ainda quando tenha que indenizar-se sobre as pernas e sobre o crânio.





Insensatos! Reclamai leis, como se elas faltassem! Ignorais, pois, que, desde há cem anos, vossos amos fabricaram mais de duzentas mil leis, decretos e editos, duas mil atualmente, mais de cinco por dia.

Compulsai-as todas: tomai-as uma a uma e não encontrareis uma única que não vá afligir um certo número de entre vós. A sorte de uma lei, qualquer que seja, é levar consigo a dor; se o sofrimento está em toda parte, é porque a legislação tudo invadiu, tudo regulamentou, tudo codificou.

Sébastien Faure

[Publicado no periódico A Plebe, São Paulo,
07 de janeiro de 1933, p. 1]

